O PRESENTE RUSSO: CERIMÔNIA DO CHÁ NO PALÁCIO[1]

Natalia Cancilier Ferronato[2], Ana Lúcia Beck[3], Rosângela Miranda Cherem[4]

[1] Vinculado ao projeto "A távola do chá – estudo sobre elementos decorativos do Palácio Cruz e Sousa".
[2] Acadêmica do Curso de Teatro – CEART – Pesquisadora voluntária de Iniciação Científica.
[3] Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – analuciabeck@gmail.com
[4] Supervisora, Departamento de Artes Visuais – CEART – rosangela.cherem@udesc.br

Não é a toa que a cidade de Florianópolis, é conhecida popularmente como "Ilha da Magia". Esse afetuoso e legítimo apelido faz jus ao que ela exibe aos seus habitantes e visitantes. No coração de seu Centro Histórico, localiza-se o Palácio Cruz e Sousa. Em sua gênese, no século XVIII, quando a Capitania de Santa Catarina foi estabelecida, elevou-se uma grande construção com o objetivo de torná-la a Casa do Governo. Por mais de um século, o prédio passou por modificações. Porém, entre os anos de 1894 e 1898, no governo de Hercílio Luz,o palácio foi ricamente reformado, deixando suas características coloniais originais, assumindo uma nova linguagem rica em elementos decorativos dos mais variados gêneros. Antigamente, nomeado como Palácio Rosado, em função a coloração rosácea de sua edificação, abriga hoje o Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC).

Nesta pesquisa, buscamos resgatar a história de elementos e objetos decorativos que recheiam o Palácio Cruz e Sousa. Afinal, conforme Neil Macgregor, para contarmos a história do mundo de uma maneira mais democrática, não podemos fazê-la apenas utilizando a palavra escrita que, durante muito tempo, pertenceu somente à uma parcela da humanidade. Assim, a história ideal seria produto da escrita com objetos. Tendo isso em vista, o objetivo principal da pesquisa é realizar uma identificação e seleção de objetos do acervo do Museu, priorizando inicialmente um inventário das suas principais características físicas, além de autoria e procedência. Seguiu-se uma análise iconológica, aqui entendida pelo contexto e conexões culturais possíveis. Através da contextualização dos elementos visuais, pretende-se chegar a uma maior compreensão dos costumes, dos hábitos e da mentalidade dos que frequentavam o Palácio no século XIX. O trabalho também visa contribuir para a constituição de um arquivo museológico efetivo sobre o acervo do Museu Histórico de Santa Catarina.

Trata-se de uma pesquisa básica, destinada à expansão do conhecimento e sua divulgação através de eventos científicos e publicações. Envolve pesquisa bibliográfica e documental, incluindo, além das obras do acervo do MHSC, pesquisa bibliográfica, pesquisa em catálogos, informações digitais e fichas técnicas de tombamento, entre outros. Destaca-se a dimensão de mapeamento, identificação, agrupamento para fins de comparação e distinção, seguida de análises reflexivas e críticas. Tal percurso implica num caráter descritivo (levantamento e identificação mais minuciosa dos dados constantes no acervo), bem como um caráter exploratório e explicativo, caracterizado pelo estudo de casos específicos e detalhamento a partir de um enfoque observacional das obras e proposições artísticas.

O acervo e a reserva técnica do MHSC são constituídos por objetos adquiridos nos séculos XIX e XX. Dentre os inúmeros elementos e objetos decorativos que recheiam de encantos o Palácio Cruz e Sousa, mostra-se, ainda que de uma maneira recôndita e, por vezes,

desapercebido por observadores seduzidos por tamanha opulência, um samovar de prata. Samovares são utensílios culinários de origem russa, utilizados para o feitio de chás. No idioma original, *самовар*, tem duas raízes: сам – sozinho, por conta própria, e вар (de *варить*) – cozinhar, ferver. Ou seja, "que ferve por si próprio". Em sua origem, meados do século XVI, samovares aqueciam a brasa, com um cano e queimador. Para ferver a água, eram utilizados matérias combustíveis (carvão, madeira, pinha). Devido ao barulho da água fervendo, acreditava-se metaforicamente que os samovares cantavam. Depois de fervida, a água misturava-se com ervas. Após trezentos anos, o samovar tornou-se um grande ícone da vida popular russa. O chá, que estava disponível apenas para a camada alta da sociedade (figura 1), tornou-se presente na vida das camadas mais populares. Essa peça, rara em território nacional, corresponde a um objeto fortemente presente e vivo dentro da cultura russa, marcando hábitos e costumes que atravesam séculos.

O Samovar do Palácio Cruz e Souza possui pouco mais de um metro e é composto de três partes: **a base**, formada por 4 pés; **o bojo**, com duas alças laterais ornadas mais uma torneira de mostra incompleta; e a comprida **haste/chaminé**. O aparelho foi oferecido ao Governador Antônio Carlos Konder Reis pelo Embaixador da União Soviética, em sua visita a Santa Catarina em 1974. Situa-se no segundo andar do edifício, no canto da Sala de Música. Podemos imaginar alegres saraus, onde se bebia chá, conversava-se, declamavam-se poemas, ouviam-se músicas, e, até mesmo, dançava-se...

Segundo Alberto Manguel, cada imagem existente traz consigo a possibilidade de ser lida. Essa linguagem é feita a partir de imagens traduzidas em palavras e palavras traduzidas em imagens. Quando lemos imagens, conferimos a elas uma vida infinita e inesgotável. Os patrimônios históricos, culturais e artísticos do Palácio Cruz e Souza contém narrativas próprias, que hão de ser contempladas por nossa pesquisa. O acervo guarda a memória histórica da cidade de Florianópolis, que merece ser resgatada, lembrada, vista, e, sobretudo, ouvida. Garantindo, assim, que o acervo do museu possa ganhar não apenas voz, mas uma vida presente e infindável.

Figura 1. *Samovar (Самовар) art* , por Polina Luchanova (Полина Лучанова).
Fonte: disponível em www.pinterest.co.uk/pin/428756827008805784/, acesso jul/2020.

Palavras-chave: Palácio Cruz e Sousa. Samovar. Cultura russa.